

Editorial**Políticas Públicas, Democracia, Cultura e Trabalho Social**
Public Policy, Democracy, Culture and Social Work

Ana Cláudia de Jesus Barreto
Universidade Federal Fluminense

Juliana Desiderio Lobo Prudencio
Universidade Federal Fluminense

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. (BELCHIOR).

Que tempos desafiadores estamos vivendo! Contudo, o que vemos não é nada de novo, apenas é uma recapitulação da velha história de explorar, violentar, exterminar, impor uma lógica nascida das entranhas do ventre capitalista. A criança nasceu com muita fome de lucro acima de tudo. Não importando outras vidas, aliás essas outras devem servi-la e serem doces, alienadas e submissas. A criança cresceu, tornou-se adolescente e chegou a fase adulta. Neste processo muitas crises ocorreram e continuam, pois a crise é inerente a sua natureza. Como saída dessas crises, há a reinvenção, outras formas de reprodução para a realização da mais-valia. Uma das crises do capital sinalizou a instituição do estado de direito como resposta, assim nasceu o *welfare state* e após a crise seguinte a resposta foi: vamos acabar com o estado de direito, com a democracia, com as políticas públicas, a cultura, pois é nocivo ao pecado original – a fome de lucro. Evocando desta forma o passado que se reatualiza no presente, no sentido neoliberal, ou seja, as questões de ordem social devem ser respondidas minimamente pelo Estado, diz o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Então, o mercado volta a tônica no oferecimento dos seus serviços para quem pode comprar. Significando que parcela empobrecida, que tem endereço geográfico, cor e gênero definidos, ficaria fora do circuito de consumo, logo não é considerado cidadão/a aquele/a morador/a da periferia, majoritariamente composto por negros/as. Restando as políticas sociais emergenciais, focalistas e pontuais e que morrem à míngua não por falta de recursos e sim por não ser prioridade do Estado capitalista.

No Brasil desde 2016 assistimos à retomada dos grupos conservadores a direção política e por agora são chamados de extrema-direita. Aos poucos foram inflamando uma par-

cela da população, através de Fake News, a onda de ódio e aversão aos valores e princípios democráticos e a defesa de um estado autoritário, racista, homofóbico e sexista. As redes sociais transformaram-se em um podium de disputas verbais e ideológicas e ataques aqueles que lutam por um caminho socialista que vai na contramão da ordem burguesa. O mais contraditório dos contrários, dessa gente estranha é o ataque a liberdade de expressão e ao mesmo tempo recorre ao princípio constitucional para garantir esse direito, a fim de divulgar mentiras com o propósito de destruir a história de luta pelos direitos e consequentemente que afeta a classe que vive do trabalho.

Estamos no período pós-pandêmico com todas as sequelas psíquicas, emocionais, sociais e econômicas a todo vapor. A associação entre doenças pandêmicas e ideias fascistas é bem a expressão do domínio do capital sobre nossas vidas, que são concebidas como mera força de trabalho. As respostas as crises da realização da mais-valia, vêm sendo a cada dia endurecida através dos ataques a tudo que impede ao pecado original. O capital por onde passa deixa seus rastros de miséria, violência e expropriação. E sempre foi assim. Quando se esgota uma fonte de riqueza, acha-se outra. A terra pede socorro, a ganância está matando os Yanomamis, os quilombolas, e também aqueles que se levantam para defendê-los com o jornalista inglês Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira.

A ordem vigente se direciona para a exaltação de campos de concentração a céu aberto, no céu azul anil. As favelas, as comunidades e a cidade sediam altos índices de violência, fome, miséria e desemprego. A lógica da exclusão não é mais velada é escarnada, são corpos vivendo diariamente na dor da falta de um Estado que opere pela garantia de direitos sociais, pelos mínimos sociais.

Pensar, agir e fazer ciência neste cenário é aterrorizante. Se aproximar das expressões da questão social e possibilitar escritos críticos é a forma necessária para apresentarmos a sociedade denúncias e reflexões. Com isso, apresentamos mais um número da Revista Goitacá como campo tensionado de disputa pela democracia e pela vida.